



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

RECONHECIMENTO E VIVÊNCIA DA FRONTEIRA ÉTNICA ENTRE CIGANOS/NÃO-CIGANOS: ANALISANDO AS CIDADES DE MAMANGUAPE E JUAZEIRINHO, PB.

Maria Patrícia Lopes Goldfarb¹

José Aclécio Dantas²

Hermana C. O. Ferreira³

Edilma do Nascimento J. Monteiro⁴

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O presente trabalho resulta de pesquisas vinculadas ao Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado “Os Ciganos no Estado da Paraíba”, que buscou realizar um mapeamento sociocultural da população cigana no Estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil. Trata-se de pesquisas desenvolvidas junto a famílias ciganas que residem nos municípios de Juazeirinho e Mamanguape, na Paraíba. Objetivou-se analisar algumas imagens que circulam sobre os ciganos nos municípios estudados, o que nos ajudam a compreender as fronteiras identitárias construídas

¹ Doutora. Professora do PPGA/ CCHLA/ UFPB, João Pessoa. E-mail: patriciagoldfarb@yahoo.com.br

² Aluno do Curso de Serviço Social da UFPB. E-mail: acleciodantas@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Ciências Sociais, bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: hermanaoliveira8@gmail.com

⁴ Aluna do Mestrado em Antropologia da UFPB. E-mail: edilma_antropologia@hotmail.com

historicamente nas relações desses ciganos com a comunidade local. Também investigamos se as pessoas se reconhecem enquanto ciganos e quais os elementos utilizados nesta definição. As informações coletadas foram recolhidas através de pesquisa qualitativa, com observação participante, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários com não ciganos nas cidades. Deste modo, pudemos verificar que os ciganos pesquisados conseguem expressar, dentro de suas próprias vivências, um sentimento de pertença étnica que os distinguem e os fortalecem.

PALAVRAS-CHAVE: Ciganos. Identidade. Etnicidade.

RECOGNITION AND EXPERIENCE OF ETHNIC BOUNDARY BETWEEN GYPSIES AND NON-GYPSIES: ANALYZING THE CITIES OF MAMANGUAPE AND JUAZEIRINHO, PB

ABSTRACT

This work results from a research linked to the Scientific Initiation Project (PIBIC) entitled "Gypsies in the state of Paraíba," which attempts to make a socio-cultural mapping of the Roma population in the state of Paraíba, in northeast of Brazil. It is a research carried out along the Roma families residing in the municipalities of Juazeirinho and Mamanguape, Paraíba. The objective was to look at some pictures circulating on Roma in the cities aforementioned, which help us to understand the identity borders historically constructed in the relations of these Gypsies with the local community. This study also investigates whether people recognize themselves as gypsies and that the data used in this definition. The data were collected through qualitative research, with participant observation, semi-structured interviews and questionnaires with non-Roma in cities. Thus, we observed that the surveyed Roma can express, in their own experiences, a sense of ethnicity that distinguish them and strengthen them.

KEYWORDS: Gypsies. Identity. Ethnicity.

Introdução

Alguns trabalhos, na área de Antropologia, nos dão conta da presença de grupos ou famílias ciganas na mesorregião do Sertão do estado da Paraíba, como é o caso das cidades de Sousa, Patos e Condado (GOLDFARB, 2004; CAMILO, 2011; NASCIMENTO, 2013; CUNHA, GOLDFARB, BATISTA, 2014). Verifica-se que nestes municípios os grupos ou famílias ciganas geralmente estão sedentarizados desde a década de 80. Também constata-se a presença de ciganos em outros municípios, o que nos motivou a investigar os ciganos residentes nas cidades de Mamanguape e Juazeirinho.

O município de Mamanguape fica na microrregião do litoral norte da Paraíba e conta com uma população de aproximadamente 42.303 habitantes; recortado pela BR 101, localizado entre as capitais João Pessoa-PB e Natal-RN. Já a cidade de Juazeirinho apresenta uma população de aproximadamente 17.064 habitantes; situa-se a 191 km da capital João Pessoa, a 84 km de Campina Grande e a 93 km de Patos (Censo 2012, IBGE).

O projeto de pesquisa foi realizado entre agosto de 2013 e agosto de 2014 e teve como objetivo verificar se entre estes ciganos havia um estabelecimento e reconhecimento de uma fronteira étnica que os distingue dos não ciganos⁵; ou seja, objetivamos verificar como são marcadas as formas de distinções entre ciganos e não ciganos nestes contextos de pesquisa. Para tal, procuramos investigar como as pessoas se reconhecem e quais as referências utilizadas na definição do "ser cigano". Também buscamos analisar como os ciganos são vistos pela população local não cigana, com a qual interagem em seus respectivos municípios.

⁵ Pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Os ciganos no Estado da Paraíba", financiada pelo CNPq e vinculada ao Grupo de Estudos Culturais – GEC/PPGA/UFPB.

Os povos denominados de maneira genérica pelo termo “**ciganos**” são aqui pensados como grupos étnicos, isto é, grupos que se consideram e são considerados como distintos (BARTH, 1998), ou grupo de pessoas unidas em torno da crença numa descendência ou história comum (WEBER, 1994); sendo um fenômeno de natureza política ou econômica, onde seus membros estão unidos em torno de interesses comuns (ANTHONY COHEN, 1994).

A vinda dos primeiros ciganos para o Brasil relaciona-se com a política de degredo instaurada por Portugal desde o século XVI, como forma de castigo ou punição por ser ou viver de modo diferente. Segundo Coelho (1892, p.199-200. apud TEIXEIRA, 2008, p. 5): “*A documentação conhecida indica que sua história no Brasil iniciou em 1574, quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram degredados para o Brasil*”; e Morais Filho (1981, p.25, com 1ª edição de 1843), aponta diversas ordenações datadas de janeiro de 1606 a outubro de 1760, além das Leis de março de 1526 e agosto de 1557, todas voltadas para o degredo destes povos as terras de além mar. Deste modo, registra-se desde a época do período colonial a presença de ciganos Calon no Brasil, que se disseminaram por diferentes regiões, como o nordeste brasileiro, podendo ser encontrados até hoje da Bahia ao Ceará, passando pelos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

É importante salientar que desde os primeiros registros de ciganos na Europa, esses sempre foram alvo de perseguições. Relatos diversos demonstram que a própria denominação do termo “cigano” remete a uma classificação provinda da relação com a alteridade, ou seja, foram pensados como oriundos do Egito, passando assim a serem chamados de *egiptanos*, *gitanos*, etc. Segundo Morais Filho (1981, p. 26), o termo *Calon* também é oriundo de um dos nomes genéricos derivados de KALO, KALA que quer dizer negro, negros, respectivamente.

De acordo com Goldfarb (1993, p. 01):

O termo "cigano", derivado da palavra espanhola gitano, assim como a inglesa gypsy, vem do Egito (rótulo que persiste através dos tempos) detectado pela primeira vez na poesia popular bizantina. A designação, atribuída por não ciganos, foi assumida pelos ciganos, obrigados a se identificarem às autoridades locais. As palavras 'egípcio' ou 'egitano' derivam as denominações gypsy, gitan, gitano, atsinganos, athinganoi, tsigne, zíngaro, zigeuner e ciganos. Os próprios ciganos se autodenominam por meio destes termos. Na Europa se distinguem em Rom, cuja língua é chamada de romani, Sinti, de língua sinto e os Calon que falam o Kaló ou calé. Cada grupo se divide em subgrupos, que formam comunidades familiares.

No Brasil, apesar do longo período de permanência desses povos, a situação em que a maioria da população cigana se encontra ainda é bastante precária, convivendo com péssimas condições sanitárias e de infraestrutura, localizados na maioria das vezes nas extremidades periféricas das cidades, tendo em vista a escassez de recursos e políticas públicas específicas para a população estudada. O problema se torna ainda mais grave nas cidades mais pobres do nordeste e no sertão da Paraíba.

Deste modo, é possível perceber que os estigmas que recaem sobre os ciganos (como o de viajante, vagabundo, perigoso, etc.), se perpetuaram, através dos séculos, nas relações sociais, comprometendo as possibilidades de uma real cidadania, acessibilidade e ascensão socioeconômica para os ciganos Calon residentes no Nordeste do país, o que foi por nós verificados nas falas da população entrevistada em Mamanguape e Juazeirinho sobre os ciganos ali residentes.

E necessário afirmar que os ciganos são formados por uma vasta heterogeneidade, pois são grupos que se distinguem com relação às atividades econômicas, a procedência ou lugar de origem e a moradia atual, o que forma um grande mosaico étnico. Neste sentido, é importante pensar a produção das culturas ciganas como algo dinâmico e fluido e não como algo cristalizado e imutável e, desta

maneira, a relação com a identidade e com a noção do que é "ser cigano", que se transforma de acordo com cada grupo (Rom, Calon, Kalderash, etc.), e com cada contexto histórico e social em particular. Como nos diz Sulpino (1999, p. 82), a identidade cigana ora estudada não se apresenta de modo estático, mas sim de forma dinâmica, no decorrer da criação de vínculos com um passado nômade e um presente sedentário ou de "pouso".

De modo geral, a pesquisa nos permitiu verificar que a identidade étnica pode ser desenvolvida no plano das ações ou narrativas e surge como um recurso indispensável para a criação de uma coletividade; fundamental ao sistema de representações, através do qual os grupos podem reivindicar um espaço de visibilidade e de atuação sócio-política (NOVAES, 1993). É preciso destacar que a identidade é criada, forjada, por meio de elementos históricos e culturais. Assim, denota um desejo (ou necessidade) de diferenciar-se, de criar uma auto-imagem, onde a memória pode ser um importante elemento para delimitar diferenças e demarcar fronteiras sociais (GOLDFARB, 2013).

Metodologia

Durante a pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico sobre a temática cigana, que representou uma etapa fundamental, desenvolvido através de leituras sobre os ciganos no Brasil e em outras partes do mundo, com discussões sobre uma suposta origem, sobre distinções entre os grupos ciganos e características sociais. Também trabalhamos com o conceito de etnicidade, tomada como modo de ação e representação, utilizada pelos sujeitos sociais para representarem a si mesmos e aos outros, enquanto portadores de uma determinada cultura (COHEN, 1994).

A pesquisa bibliográfica é por nós compreendida como um processo de exame teórico-conceitual, que permite uma aproximação com uma dada realidade estudada e refletir posições ante tal realidade (MINAYO, 2010, p. 23). Nesta etapa,

também realizamos coleta de dados sobre os municípios de Mamanguape e Juazeirinho.

Em geral, tratou-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, que para Minayo (2010, p. 57), pode ser definida como um método:

(...) que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (...), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.

A partir de novembro de 2013 a pesquisa qualitativa foi desenvolvida, compreendida como um processo de construção do objeto de pesquisa, que se desenvolveu através da observação direta do universo investigado e da coleta de experiências partilhadas entre pesquisadores e grupos pesquisados. Trata-se de uma profusão de práticas e representações dos grupos sociais que organizam um modo narrativo de contar a vida partilhada, o que é por nós interpretado (GEERTZ, 1989).

Na cidade de Juazeirinho buscamos, por meio de conversas informais com a população não cigana, realizar um delineamento da presença de ciganos no município, o que nos foi muito útil. Iniciamos a sondagem com feirantes, e depois com os comerciantes da feira livre e outros comerciantes locais, com o delegado de polícia, professores, assistente social, bombeiros, funcionários da prefeitura municipal e profissionais da área de saúde.

Nos dois municípios realizamos entrevistas semiestruturadas com não ciganos, escolhidos aleatoriamente nos centros das cidades, com perguntas acerca dos ciganos: incidência na cidade, impressões sobre as características das famílias ciganas

e a participação destes no seu cotidiano. Em Mamanguape foram entrevistadas quatorze pessoas e em Juazeirinho fizemos vinte entrevistas com não ciganos. Nesta última cidade também realizamos entrevistas semi-estruturadas com seis membros da família cigana ali residente.

Com tais entrevistas pretendíamos captar as concepções da população local sobre os ciganos ali residentes. Ao se falar em entrevista como técnica privilegiada de comunicação e coleta de dados, Minayo (2010, p. 261), destaca que se trata da estratégia mais utilizada nas pesquisas de caráter qualitativo, ressaltando que:

(...) é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo.

Por fim, também fizemos aplicação de dezenove questionários impressos em Juazeirinho, com perguntas objetivas de múltipla escolha, numa amostragem não probabilista, que foram posteriormente analisadas.

Resultados

Sobre a população cigana em Mamanguape - PB

Em Mamanguape a maioria dos ciganos está localizada num espaço comumente conhecido como "*rua dos ciganos*", no bairro Planalto, que fica um pouco afastado do centro da cidade. A rua dos ciganos é constituída por um conjunto de oito casas que formam núcleos domésticos compostos por suas respectivas famílias.



Figura 1. “Rua dos ciganos”

Fonte: FERREIRA, Hermana C. O.; GOLDFARB, M. Patrícia L.. 2013.

As famílias, ao que tudo indica, estão lideradas por dois senhores, e embora a liderança não seja formal ela é bastante eficaz, o que pode ser compreendido através do modo como estes centralizam as decisões, as alianças e os contatos com o mundo externo. Soubemos da existência de outros ciganos residindo em outros bairros da cidade, mas não houve tempo de contatá-los. Não foi possível realizar um censo populacional, visto que há forte circulação de ciganos, assim como não há, por parte dos ciganos, um interesse em serem contados e transformados em números. De acordo com o Sr. G., reconhecido pelos ciganos como uma liderança, essas famílias encontram-se fixadas na cidade desde os anos 90.

Desde a primeira incursão no campo de pesquisa observamos algo que distinguia estes ciganos de outros grupos, também da etnia Calon, residentes em diferentes cidades da Paraíba. Comparando-os com os ciganos residentes em Patos, descritos por Camilo (2011) e Nascimento (2013), ou a comunidade cigana residente

em Sousa, estado da Paraíba, descrita por Goldfarb (2013), cuja realidade é marcada por muita pobreza e descaso dos poderes públicos locais; notamos que neste caso havia diferenças nas condições econômicas e numa certa "qualidade de vida", visto que em Mamanguape encontram no comércio a principal fonte de renda econômica, com a venda e a troca de produtos como casas, carros e outros bens. Esta constatação se deu a partir da observação interna das casas ciganas que, embora não sejam amplamente usadas, possuem móveis, são grandes, de alvenaria, com muros altos e pisos de cerâmica e bem cuidadas. Também observamos que muitas casas na "rua dos ciganos" estão expostas a venda ou troca; e o mesmo ocorre com os carros ou sons bem equipados.



Figura 2. Piso de casa cigana

Fonte: (FERREIRA, Hermana C. O.; GOLDFARB, M. Patrícia L., 2013).



Figura 4. Casa à venda na Rua dos ciganos

Fonte: (FERREIRA, Hermana C. O.; GOLDFARB, M. Patrícia. L., 2013).

Observamos as mulheres dedicadas, quase em período integral, as atividades domésticas e os cuidados com os filhos. Não visualizamos mulheres inseridas no mercado de trabalho, o que nos fez pensar que a elas cabem os afazeres do lar, e com o bem-estar da família; o que nos remete as análises do antropólogo Roberto Da Matta (1991), sobre espaços sociais no Brasil, onde cabe a mulher a esfera social da "casa", pensada como lugar das relações pessoais e restritas ao universo familiar. Segundo Goldfarb, Leandro e Dias (2012, p. 05): *"Entre os ciganos os papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres são distintos e bem demarcados, sendo os homens responsáveis pelas questões políticas e hierárquicas dos grupos; pelas relações de trocas e de contatos com o mundo externo"*.

Magano e Mendes (2013, p. 04), nos apontam uma diferenciação social de gênero entre os ciganos, onde:

Os homens têm mais liberdade de circulação e de interação com não ciganos, nomeadamente, com mulheres não ciganas, aspeto revelador de assimetrias existentes ao nível dos papéis sexuais e de género. A separação entre homens e mulheres é ritualizada a cada dia que passa por algumas famílias, tornando-se notória nos comportamentos assumidos em público com a constante separação entre homens e mulheres por grupos.

Tal aspecto também foi por nós observado, pois quase não se consegue falar com as mulheres ciganas, a princípio são os homens, e principalmente os que são considerados liderança, que fazem o contato com os não ciganos, também chamados "juron/jurin".

Verificamos muitas uniões matrimoniais endogâmicas, estabelecendo alianças entre ciganos de diferentes famílias ou lugares, onde são desejadas as uniões entre ciganos e indesejados os casamentos mistos (LÉVI-STRAUSS, 1982). As pessoas costumam se casar bem jovens e as uniões tendem a ser configuradas com a chegada de um filho, pois a família é, de acordo com a literatura consultada, a principal e mais importante instituição social existente.

Desde os trabalhos mais clássicos aos mais atuais encontramos referências a importância da família para os ciganos. Sant'ana fala que a família é uma base para a organização social dos grupos. Assim:

Os estudiosos dos ciganos têm observado a importância da família como base da organização social do grupo. (...) Podemos, inclusive, concluir com Yoors afirmando que a organização social do cigano, ainda que sempre fluida, tem uma vitalidade interna e que "a coesão e a solidariedade interna da comunidade cigana repousam nos fortes laços da família, que são unidade básica e a única unidade constante" (Sant'ana, 1983, p. 74).

Deste modo, com base em Goldfarb (2013), compreendemos que o valor social da família está relacionado à ideologia étnica que sustenta as crenças num pertencimento, com base no sangue ou num destino comum. Além disso, os ciganos sabem que são amplamente estigmatizados e este processo de exclusão social acaba reforçando os laços de parentesco e a valorização da “unidade” coletiva.

Na primeira incursão à cidade de Mamanguape presenciamos uma festa em comemoração ao dia das crianças, o que nos rendeu boas reflexões sobre a dinâmica social deste grupo. Neste dia os ciganos organizaram uma festa bem animada, decoraram a rua, distribuíram doces e presentes, promoveram brincadeiras - como corrida de saco, quebra-panela, etc., com muitos participantes, cerca de 100 pessoas (ciganos e não ciganos) presente.

A filha mais velha de um dos líderes nos falou sobre a importância, o significado e a simbologia daquele dia. Disse-nos que é costume que alguns ciganos fazem peregrinação à cidade de Rafael Fernandes, no Rio Grande do Norte, para pagar promessas ou prestar homenagens às “meninas das covinhas”, um tipo de santidade reverenciada nesta região.

Tal colaboradora da pesquisa disse-nos que muitos ciganos haviam alcançado graças por intermédio destas “meninas santas”, e como neste ano de 2013 não podiam ir até o santuário, faziam aquela festa em homenagem e graças. Monteiro também destaca a importância destas crenças e compromisso dos ciganos com tais santidades, onde a festa representa tanto fé como forma de “*pagamento dos votos*” para com a santidade, demarcando ainda o festejo com uma “*necessidade*” de “*chamar atenção dos não ciganos na cidade e dos que estavam presentes no local*” (MONTEIRO, 2014, p. 59).

De acordo com Silva (2011), a devoção popular as “meninas das covinhas” se realiza por meio de um culto regionalizado, não canônico, com peregrinações de romeiros de diferentes partes, incluindo os ciganos. As crenças ligam-se a duas

meninas que teriam morrido de fome e de sede em 1977 e, posteriormente, curado algumas pessoas do local, se transformando em mito e santidade popular.

Para além da devoção, esta ocasião nos mostrou a importância das festas como espaços de socialização interna e externa. Interna porque são momentos de descontração, de reforço das alianças e dos laços de parentesco; ocasião em que também recebem muitos amigos e parentes, ciganos que vêm de diferentes municípios. A partir daí atentamos para um fluxo de pessoas, objetos e valores entre os ciganos, onde a mobilidade é bem forte. Nas idas ao campo costumávamos observar ciganos de Mamanguape indo para algum outro local, bem como a chegada de ciganos de outros lugares. Ao indagarmos o porquê destes deslocamentos eles respondem que "*são negócios*".

Com relação à sociabilidade externa, na supracitada festa do "dia das crianças" também vimos muitas pessoas da vizinhança, não ciganos moradores do bairro, com suas crianças, o que nos apontou para a relação dos ciganos com a população não cigana do bairro e da cidade de uma forma geral. As relações com a vizinhança, assim como a promoção da festa e o estabelecimento de vínculos vicinais, são decorrentes do processo de fixação dos ciganos num dado território.

Observamos que em Mamanguape as relações entre ciganos e não ciganos são razoavelmente tranquilas, e neste dia de festa as "*trocas se intensificam, os espaços se condensam, os encontros tornam-se mais frequentes*" (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 3). Entretanto, as entrevistas com a população não cigana nos mostraram que há uma fronteira que os diferenciam e que permanece mantida, onde as relações sociais entre ciganos e não ciganos tendem a ser evitadas sempre que possível. Assim, embora convivam passivamente, essa fronteira é excludente.

Em março de 2014 realizamos entrevistas com não ciganos de diferentes gêneros, escolhidos aleatoriamente. As entrevistas foram necessárias, tendo em vista o enfoque que a pesquisa tomou, ou seja, os contatos interétnicos que puderam ser constatados desde o primeiro contato na festa do dia das crianças, passando por

relações cordiais com autoridades e políticos locais e gestores municipais, até porque um dos ciganos de destaque é funcionário da secretaria de saúde do município.

Verificamos que a maior parte da população já ouviu falar sobre “ciganos”, sabem onde moram em Mamanguape e algumas pessoas até nos ensinavam a chegar ao local. Mesmo assim diziam “*não conhecer cigano*”, o que para nós demonstra um desejo de não aproximação, de não interação com os mesmos. Cerca de 28% dos entrevistados afirmaram não ter “*nada contra os ciganos*”, embora só duas pessoas digam ter algum tipo de contato pessoal com os mesmos: uma que se diz “*amiga de algum deles*” e outra cujo contato fora comercial, pois era dono de farmácia e alegou que: “*já vendi remédios para pessoas ciganas*”.

Registramos o que nos disseram alguns dos entrevistados:

Sempre houve ciganos pela cidade, antigamente se via **bandos**⁶ de acampamentos ciganos espalhados pela cidade, quando ainda era rural, diferente de hoje. Sei que em Itapororoca existem muitos deles. Mas os ciganos têm aquela fama de ter as coisas sem trabalhar.

Fui vizinha de famílias ciganas no bairro Planalto. Eu acho que eles são sujos, eles conversam assuntos “impróprios”, assistem filmes eróticos na frente da família, de todo mundo. Eu até já vi um casal de ciganos fazendo sexo no terraço de casa, são barraqueiros, gostam de festa e confusão.

Na festa pensamos, à primeira vista, que as relações entre a população local e os ciganos eram cordiais, mas como podemos perceber nas falas acima, há uma reprodução de velhos estereótipos, que tendem a negatizar a imagem dos ciganos. Note-se que a primeira fala destaca os ciganos como “*bandos*”, o que nos leva ao imaginário do “forasteiro”, nômade ou “de passagem”, enfim, como nos diz Goldfarb (2013), sempre alguém “de fora”, um “estrangeiro” ou não “natural do lugar”. A

⁶ Grifo nosso.

expressão "*bando*" ainda nos remete ao mundo do cangaço e a representação social de "desordem" (simbólica, econômica e política) que estes bandos estabeleciam no Nordeste brasileiro. Muitas vezes os ciganos, vistos como pessoas que estão sempre em "bandos", são pensados como uma espécie de cangaceiros ou pessoas que estabelecem suas próprias regras.

Nesta direção, outras proposições apontam para a reprodução de representações de um imaginário historicamente construído no Brasil sobre os ciganos; sempre pensados como "ladrões" ou como nos foi dito, uma pessoa que "*tem as coisas sem trabalhar*". A jovem que fora vizinha dos ciganos também destaca, na sua interação, a condição social de "ímorais" ou "indecentes" ocupada pelos ciganos, que ainda são apontados como "*barraqueiros*" ou pessoas que "*gostam de confusão*", o que atestaria o afastamento entre estes e os moradores locais. Outra senhora nos disse que "*ciganos nunca andam pelo centro*", o que justificaria a separação física e social entre os grupos em questão.

Assim, as falas nos remetem a um texto clássico de George Simmel sobre o estrangeiro, quando ele aponta que:

Se o mover for o contraste conceitual do fixar-se, com a liberdade em relação a cada ponto dado do espaço, então, a forma sociológica do "estrangeiro" representa, não obstante, e até certo ponto, a unidade de ambas as disposições. Revela também, certamente, que as relações concernentes ao espaço são, por um lado, apenas, a condição e, por outro, o símbolo das relações entre os seres humanos. (SIMMEL, [1908] 2005, p. 350).

Neste sentido, e de acordo com Simmel, o estrangeiro é aquele visto como "de passagem", e no caso dos ciganos, muitas vezes representados como sujeitos da errância. O estrangeiro é o "estranho ao grupo", mesmo que esteja espacialmente fixado. Pensamos que o fato dos ciganos residirem na cidade há algum tempo os

torna conhecidos, mas não necessariamente aceitos, por isso lhes atribuem toda uma carga de estigmas que circulam em torno da identidade cigana.

Nas falas das pessoas percebemos uma apreensão dos ciganos que deslizam para a crença numa “origem” das qualidades negativas, como o roubo e a vida fácil, origem que é pensada como “natureza”, transmitida entre gerações. De uso desta ideia, pensamos também que esta origem serve tanto para atestar uma natureza fisiológica como moral, pois os ciganos permanecem pensados como estrangeiros, cujas características são transmitidas por meio de uma suposta “essência” (PINHO; SANSONE, 2008).

E os ciganos, por sua vez, buscam acessar os benefícios sociais do local – assistência médica, empregos, escolas, consumo –, pois não vivem ilhados como desejam alguns “jurons”, mas em vários processos de interação social que criam as diferenças e fortalecem os sentidos da pertença étnica.

Sobre a população cigana em Juazeirinho - PB

A história dos ciganos em Juazeirinho parece estabelecer alguns nexos que se coadunam com a história de outros grupos de ciganos residentes em outros municípios da Paraíba e estados vizinhos, formando fios esclarecedores da história destes grupos étnicos em terras paraibanas⁷.

Segundo os relatos da cigana J. D. S., que reside na cidade, o grupo do qual fazia parte se deslocou do Distrito de Olho d’água, no Estado do Ceará, atravessando os sertões nordestinos numa rota que articulava muitas vezes idas e vindas, nos marcos de uma territorialidade flexível, e estabelecida por questões de necessidades que se apresentavam no decorrer de cada rota.

É preciso considerar o contexto destes deslocamentos espaciais, se pontuarmos a década de 80, conforme seus próprios relatos, como marco inicial do

⁷ GOLDFARB, 2013; NASCIMENTO, 2013; CUNHA, GOLDFARB, BATISTA, 2014; MONTEIRO, 2014.

sedentarismo não só do grupo de Juazeirinho como dos outros municípios circunvizinhos⁸. Existe nessa convergência, dos ciganos que migravam nos sertões nordestinos e de fixação num dado lugar, algum conjunto de fatores ou mesmo um fator em comum que tenha contribuído uma paragem espacial. O certo é que tanto para ciganos como para os “jurons”, as condições sócio-políticas brasileiras que retrocedem a década de 80 não eram favoráveis para qualquer indivíduo que estivesse na categoria de pauperização absoluta ou relativa. Agravando aos que não dispunham de propriedade privada, bens e muito mais aos que não se permitiam proletarizar. Reverberaram assim consequências muito mais danosas aos grupos culturais e étnicos alocados em tais características, ou seja, majoritariamente pobres, negros, ciganos, etc.

Nesse lapso temporal deslocava-se o grupo ampliado de ciganos que chegaria a Juazeirinho. Não se sabe o tempo correto nem a rota utilizada depois da saída de Olho d’água, no Ceará, até a chegada em Pombal na Paraíba, pelos inúmeros vieses de possibilidades disponíveis aos ciganos e pela imediaticidade que se colocava em cada retirada.

Se cruzarmos os dados do nascimento do primogênito da matriarca da família cigana pesquisada, ocorrido embaixo de uma ponte na cidade de Pombal-PB (hoje com 39 anos), com a data provável de sua sedentarização em Juazeirinho (início da década de 80 – cerca de 30 anos), veremos que o grupo pode ter levado aproximadamente de 6 a 8 anos para percorrer a rota a nós informada.

O grupo chega a cidade de Pombal –PB, passando pelas cidades de Currais Novos e Equador, no Rio Grande do Norte, chegando na década de 80 em Juazeirinho. A senhora J. D, seu marido e filhos, se sedentizam em Juazeirinho, deixando o grupo que seguiu viagem e que acabaram por se dividirem. A família

⁸ O que é confirmado por MOONEN (1993) e também por GOLDFARB (2004) ao se referirem aos ciganos de Sousa-PB.

ascendente da senhora J. D. migrou para a cidade de Condado onde fixou residência e lá reside até os dias atuais.



Figura 7. Rota dos ciganos entre Pombal até a sedentarização em Juazeirinho - PB
Fonte: DANTAS, José Aclécio; GOLDFARB, Maria Patrícia L, 2014, com base em Google maps.

Na pesquisa verificamos que a população efetiva de ciganos na cidade de Juazeiro é composta por uma única família extensa, formada pela Sra. J. D, nossa principal colaboradora, viúva há seis anos e com 60 anos de idade, seus filhos e netos, que atualmente totalizam oito pessoas. É importante destacar que todos os seus

filhos se casaram com não ciganos, o que denota a presença de casamentos mistos nesta família de ciganos, fato talvez decorrente do processo de sedentarização no local.

Esse grupo familiar estendido ocupa quatro núcleos domésticos (casas) numa mesma circunvizinhança (rua e anexos); e estará sendo ampliado com o retorno de um dos filhos (e sua família) que retorna de São Paulo, e habitará uma casa ainda em construção. Os outros filhos da cigana residem em Campina Grande e São Paulo.

A principal fonte de renda dos ciganos em Juazeirinho provém de pensões das duas viúvas e programa de transferência de renda (bolsa família) das crianças, fato também observado por Goldfarb (2013) na cidade de Sousa. Estas fontes são complementadas pelos trabalhos informais dos adultos.

Os maridos das jovens ciganas, que são "jurons", participam do sustento familiar com renda advinda de trabalhos temporários e informais. Já os ciganos realizam pequenos comércios (trocas, venda) com motocicletas, e outros bens de pequeno porte, fonte de renda esse também observado por Moonen (1993) entre os ciganos de Sousa.

Constatamos que os ciganos adultos que residem em Juazeirinho adotam dois nomes, um oficial ou para o mundo externo e outro interno; e observamos que as uniões matrimoniais ocorreram com pouca idade entre as mulheres, cerca de 13 anos. Também constatamos a existência do rapto da noiva para aceleração da união nem sempre consentida pelos pais; prática comum entre ciganos de acordo com a literatura consultada. Uma das filhas de nossa principal colaboradora da pesquisa afirmou ter "*fugiu para se casar*", indo morar num quarteirão próximo da casa da mãe e mantendo, posteriormente, contatos diários com os pais, que depositaram no genro "juron" sua indignação e culpabilização.

No tocante as entrevistas e aplicação de questionários com os não ciganos em Juazeirinho, observamos que há uma falta de informação geral sobre a cultura cigana, embora afirmassem saber da existência de ciganos na cidade. Nos questionários

aplicados cerca de 73% das pessoas desconhecem qualquer história que envolva os ciganos ou sua cultura. Um dado contraditório nas respostas encontra-se no fato que muitos que afirmaram não conhecer nenhuma história que envolva ciganos, confirmaram que já tiveram suas mãos "lidas" por ciganas, mesmo não tenham acreditado no que foi prognosticado.

Ao solicitar que falassem livremente sobre o que achavam dos ciganos, estes foram descritos por meio de expressões como: "*são um povo alegre*", "*respeito eles*", "*peessoas boas e de cultura bacana*", "*não tenho nada contra eles*", "*acho que são acolhedores*", "*povo simples e educado*", ou "*tenho grande admiração*". Entretanto, essas mesmas pessoas disseram que não casariam nem permitiriam seus filhos casarem com ciganos, revelando, mais uma vez, um quadro de estigmatização social.

De um modo geral, sempre que as perguntas abstraíam as relações diretas entre ciganos/não ciganos, as respostas se direcionavam para uma aceitação, desde que fossem ou ficassem invisíveis ou na condição de assimilação. Já quando as perguntas direcionavam para a concreticidade de interações sociais diretas ou pessoais, às respostas mudavam de tom e direção; o que demonstra a existência de preconceitos e a recusa da diversidade cultural no município e nas pessoas pesquisadas. Como pudemos verificar em Juazeirinho, os ciganos não são nômades nem formam uma comunidade ou grupo numeroso; mas mesmo imersos na cultura local, permanecem sendo vistos como distintos.

Conclusões

Após a pesquisa realizada, concluímos que em Mamanguape e em Juazeirinho, como em outros contextos etnográficos, como é o caso da cidade de Patos-PB, há tanto um reconhecimento como uma vivência de uma fronteira étnica que diferencia ciganos/não ciganos. Esta fronteira serve tanto para exclusão como para integração dos ciganos, na medida em que delimita, simbolicamente, um lugar social para os

ciganos ali residentes. Tal fronteira relaciona-se com os processos históricos e culturais que limitam a participação dos ciganos e segmenta os espaços sociais de atuação de cada sujeito em interação.

Podemos dizer, com base em Raffestin e Guichonnet (1974), que a fronteira introduz a "margem" ou um "lugar a margem" para os excluídos ou atores sociais dominados, mas que, apesar disso, possuem ou reivindicam uma territorialidade específica. Com a fixação desses ciganos num dado território (e a construção de casas, o consumo, o acesso à escola, etc.), vemos a dinâmica que envolve a manutenção das fronteiras, cuja representação passa tanto pelo estabelecimento de distanciamentos, como pelo reforço ao sentido de pertencimento a uma dada história, a um dado tempo socialmente construídos.

Apoiando-nos em Cohen (1969), consideramos que a demarcação de limites faz parte da própria divisão social ou "sociedade demarcada", o que implica em relações inter e intra grupos, que definem as relações de poder em cada contexto e os discursos e/ou práticas políticas de exclusão ou incorporação dos grupos ciganos.

Falamos de fronteira étnica porque as diferenças, entre ciganos/não ciganos, são pensadas e tratadas através das noções de "origem" ou "descendência", a partir das quais os ciganos se pensam, elaborando elementos de sua identidade cultural, que são constantemente recolocados e passíveis de transformação; bem como são pensados pelo mundo externo. Esta identidade incorpora aspectos simbólicos como o passado nômade e os laços de sangue, e os aspectos organizacionais, que dizem respeito às residências, as trocas comerciais, etc.

Nos dois contextos pesquisados, verificamos que os ciganos convivem com os moradores locais, mas esta convivência é na maioria das vezes negada, invisibilizada, negociada, de acordo com as relações intergrupais e as regras de convivência estabelecidas. Por outro lado, averiguamos a diversidade que compõe estes grupos étnicos, a resistência cultural que faz com que, por exemplo, uma senhora viúva e residente num bairro popular que a estigmatiza permaneça honrando os valores da

família, elemento fundamental da cultura cigana, onde quer que ela esteja (OKELY, 2011).

Em Juazeirinho, mesmo não existindo um grupo grande numericamente, a identidade cigana se faz presente, pois as fronteiras não desapareceram, o que observamos quando a Sra. J. D. fala de seu falecido marido, de sua família de origem e de sua família de procriação. Enfim, são laços de vida e de sangue que não se desfizeram.

Os deslocamentos e a circulação de pessoas também foram fatores constatados na pesquisa, traço que é histórico entre os ciganos, o que podemos perceber nas trajetória das famílias e o quanto seus membros não fecham as possibilidades de novas mudanças e trajetos, com pessoas chegando, saindo, voltando, o que favorece sua readaptação a cada novo conjunto incursões que se façam.

Nesta direção, as conclusões aqui apresentadas não pretendem fechar os ciclos de discursões sobre o assunto, mas espaços para futuras pesquisas e discursões que possam refletir sobre o fazer humano, sem juízos de valores.

Referências

- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTGNAT, P & FENART-STREIFF, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Difel, 1998.
- COHEN, A. P. **Culture, identity and the concept of boundary**. Revista de Antropologia Social, num. 3. Editorial Complutense, Madri, 1994.
- COHEN, Y. A. **Social Boundary Systems**. Current Anthropology, v. 10, n. 1, p. 103-106, 1969.
- CUNHA, Jamily Rodrigues da., GOLDFARB, Maria Patrícia L., BATISTA, Mércia R.R. **Processos associativistas entre ciganos**: discutindo o projeto político de uma família cigana em Condado-PB. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014,

Natal. Anais eletrônicos. Disponível em:
<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402019615_ARQUIVO_ArtigoJamilyCunhaUFPE.pdf>

Acesso em: 01 set. de 2014.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DANTAS, José Aclécio. **Mapeamento da População Cigana em Juazeirinho – PB**. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal. Disponível em:
<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402943027_ARQUIVO_textocompletoRBA-GT20-JoseAclecioDantas-Banner.pdf> Acesso em: 13 de ago. 2014.

DANTAS, José Aclécio; GOLDFARB, Maria Patrícia L. **Mapeamento da População Cigana em Juazeirinho-PB**. Projeto Os Ciganos no Estado da Paraíba. Relatório Final PIBIC, vigência 2013-2014, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, agosto de 2014.

ECKERT, Cornélia. **Memória e Identidade**. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França). Cadernos de Antropologia. Porto alegre, n. 11, 1993.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GOLDFARB, Maria Patrícia L.; FERREIRA, Hermana C. O. **Mapeamento da População Cigana em Mamanguape-PB**. Projeto Os Ciganos no Estado da Paraíba. Relatório Final PIBIC, vigência 2013-2014, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, agosto de 2014.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).

_____. **O Tempo de Atrás**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB. Tese. (Doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2004.

_____. **Os Ciganos**. Galante, Fundação Helio Galvão, nº. 02, Vol. 03, Natal, Setembro de 2003.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; LEANDRO, Suderlan Sabino; DIAS, Maria Djair. “**O ‘cuidar’ entre as Calin**: concepções de gestação, parto e nascimento entre as ciganas residentes em Sousa-PB”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp. 851-876, Dezembro de 2012.

GONCALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. **Entre o Divino e os homens**: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 29, Jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832008000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 ago. de 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAGANO, Olga e MENDES, Maria Manuela. **Mulheres ciganas na sociedade portuguesa**: tracejando percursos de vida singulares e plurais. Disponível em <https://ojs.unila.edu.br/ojs/index.php/sures/article/view/144>. Acesso em 22 de julho de 2014.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC ABRASCO, 2010.

MONTEIRO, Edilma do N. J. **A infância entre os Calon**: uma etnografia sobre a concepção de infância entre ciganos no vale do Mamanguape – PB. Exame de Qualificação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba**. *Cadernos de Ciências Sociais*. João Pessoa, n. 32, 1993.

MORAES FILHO, Melo. **Os Ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos Ciganos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

NASCIMENTO, Caroline Leal Dantas do. **Ciganos em Patos-PB**: o desafio atravessado por geração e gênero. 2013. Monografia. (Bacharel em Antropologia) - Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

NOVAES, Silvia C. **Jogos de Espelhos**: imagens e representação de si através dos outros. São Paulo: Editora da USP, 1993.

- OKELY, J. **The Dale Farm eviction**. *Anthropology Today*, v. 26, n. 6, Dec., 2011.
- _____. **The Traveller-gypsies**. New York: Cambridge University Press, 1983.
- PINHO, O.; SANSONE, L. **Raça**. Novas perspectivas antropológicas. Salvador: ABA/EDUFBA, 2008.
- RAFFESTIN, C. & GUICHONNET, P. **Géographie des frontières**. Paris: PUF, Collection SUP. «Le Géographe», n. 13, 1974.
- SANT'ANA, Maria de Lourdes. **Os ciganos**: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Antropologia, 4)
- SILVA, Irene de A. van den Berg. **Dinâmica das Covinhas**: interesses e mudanças em um santuário popular. *Religiosidades populares: diálogos e interpretações*. Revista de Teologia e Ciências das Religiões da Unicap. v. 1, n. 1, 2011.
- SIMMEL, G. **O Estrangeiro [1908]**. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção- RBSE*, v. 4, n. 12, p. 350-357, dez. 2005.
- SULPINO, Maria Patrícia Lopes. **Ser Viajor, Ser Morador**: Uma análise da construção da identidade cigana em Sousa-PB. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- TEIXEIRA, Rodrigo. C. **História dos Ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife, 2008. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/sos/ciganos/index.html>. Acesso em: 12 de agosto de 2014.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da UNB, 1994.